A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

TATIANA REGINA BOLONHA

RESUMO
O olhar frente ao desenvolvimento infantil sofreu modificações diversas ao longo da história. Na antiguidade mal eram consideradas enquanto indivíduos e na contemporaneidade existem legislações e estratégias específicas para que se desenvolvam plenamente e com total respeito a fase de vida. Com isso, o estudo visa explorar as contações de história como uma ferramenta fundamental no desenvolvimento integral do aluno. Para cumprir o objetivo central do estudo será desenvolvido um estudo de caráter bibliográfico. A pesquisa evidenciou que trabalhar com a contação de histórias a partir da literatura infantil geram condições propícias para que a criança se torne crítica, reflexiva e tenha visão de mundo, já que o universo da leitura ativa a imaginação, criatividade, interação e raciocínio.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias. Literatura Infantil. Leitura.

INTRODUÇÃO

O papel da escola na contemporaneidade é pauta de grandes estudos, uma vez que é necessário encontrar ferramentas que auxiliem na formação integral do aluno para o pleno exercício de cidadania. Com isso, ao pensar na escolarização para o público infantil, é preciso que as atividades sejam desenvolvidas a partir de sua linguagem natural, envolvendo alegria, magia e ludicidade.
Sendo assim, acredita-se na necessidade do professor se apropriar de instrumentos que gerem uma aprendizagem prazerosa para que também seja efetiva. Por isso, a questão norteadora do estudo é: Como a literatura infantil favorece o desenvolvimento integral da criança?
O estudo justifica-se mediante a necessidade de compreender o universo literário e seu impacto no desenvolvimento da Educação Infantil, uma vez que nesta fase múltiplas habilidades são exploradas, respeitando a linguagem natural da criança. No entanto, como cita Zilberman (2003) é preciso que o professor se aproprie de recursos e estratégias alinhadas a linguagem natural da criança, para que todas as suas potencialidades sejam verdadeiramente exploradas e, principalmente, a desperte para a reflexão, criticidade, visão de mundo, bem como a torne um leitor assíduo.
O presente estudo tem como objetivo compreender como as contações de histórias infantil auxiliam no desenvolvimento integral da criança. Enquanto os objetivos específicos são: Explorar como a contação de histórias favorece o desenvolvimento integral do aluno; conhecer quais estratégias lúdicas o professor pode utilizar para potencializar o processo de alfabetização e letramento através da literatura infantil.
Trata-se de um estudo exploratório de revisão de literatura. A bibliografia utilizada contempla livros disponíveis em acervo próprio e biblioteca digital.
Em relação a divisão do estudo será traçado um panorama histórico da literatura infantil frente à sociedade, posteriormente o impacto dos contos infantis no desenvolvimento da criança e, por fim, como o professor pode trabalhar adequadamente por meio da contação de histórias infantis.

PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Até parte do século XVII, as crianças eram consideradas adultos em miniaturas, uma vez que trabalhavam, participavam das festas, guerras, gerando um tratamento igualitário com os adultos. Com isso, o sentimento de afeto era raríssimo, não existia a “infância”, as singularidades infantis, tampouco os tratamentos diferenciados para essa faixa etária. Segundo Zilberman (2003, p.15):

> [...] inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

Durante a Idade Média, o poder ficava centrado nas mãos dos senhores feudais, e começa assim ao final do século XVII e se concretiza no século XVIII, a abolição do poder feudal e a aliança entre os poderes políticos, burguês e capitalistas, em que surge a ideologia familista, apoio ao afeto entre os casais, pais e filhos, estímulo ao casamento, por interesses harmônicos para o ambiente familiar.

Neste contexto surgem os primeiros livros infantis, como afirma Zilberman (2003, p.15), "Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escreviam para elas, porque não existia a infância.

Em meio a Idade Moderna surge a concepção de uma faixa etária diferenciada com interesses e necessidades próprias para sua formação e vida em sociedade. A mudança na concepção de "criança" e "infância" é influenciada em outro acontecimento da época.

Com a valorização da infância, instrumentos de controle do desenvolvimento intelectual infantil e controle de suas emoções são elaborados.

De acordo com Zilberman (2003) a literatura Infantil surge com as Fábulas de La Fontaine publicadas entre 1668 e 1694, que lança um novo olhar para sociedade da época, transmitindo para suas obras. Podemos observar em suas fábulas um contexto político, como em uma das fábulas mais conhecidas "A Cigarra e a Formiga", representando o trabalhador e o patrão.

O autor Charles Perrault era considerado o pai da literatura infantil. Lançou os "Contos da Mamãe Gansa", com título original "Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades" uma coletânea de vários contos como: A Bela Adormecida

Chapeuzinho Vermelho - O Barba Azul - As Fadas - O Gato de Botas (ZILBERMAN, 2003).

Com o reconhecimento da infância na sociedade burguesa do século XVIII, é destacado o conceito pedagógico, a escola ganha força como uma instituição que irá colaborar com a ideologia da época, sendo o espaço de mediação entre a criança e a sociedade, cresce assim, o interesse em criar uma literatura específica para inserir a criança culturalmente na sociedade.

Nessa época acontece a Revolução Industrial, em que ocorrem grandes transformações em todos os setores, econômico, político, social. A industrialização aproveita a oportunidade e cria produtos para essa nova faixa etária. Como afirmam Lajolo e Zilberman (2003, p.18):

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrialização (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária.

Neste contexto, vale destacar o sucesso dos contos de fadas escritos pelo renomado autor Charles Perrault, que proporcionou adaptações de aventuras como Robinson Crusoé, de Daniel Defoe e Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, bem como Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como os irmãos Grimm, que escreveram suas histórias baseadas na extraordinária memória de uma camponesa, Dorotea Viehmman, que lhes contavam as lendas e contos folclóricos de seu povo.

Segundo Pita (2014) essas histórias oralizadas resultaram na obra Contos de Fadas para Crianças e Adultos, publicada entre os anos 1812 e 1822, dentre os títulos dessa obra, podemos encontrar A Bela Adormecida - Os Sete Anões e a Branca de Neve - O Chapeuzinho Vermelho - A Gata Borralheira - Joãozinho e Maria

As Aventuras do Irmão Folgarão - O Pequeno Polegar Os Músicos de Bremen - O Corvo - Frederico e Catarina - Branca de Neve e Rosa Vermelha.

Algumas dessas histórias também foram contadas por Charles Perrault, mas, na época em que os irmãos Grimm as produziram era uma época diferente, em que as maneiras de o homem ver e compreender o próprio homem e o mundo ao seu redor era diferente.

Destaca-se também o autor Hans Christian Andersen que teve uma infância pobre, mas que lhe deu a chance de conhecer esse outro lado da sociedade, podendo transmitir esses valores para suas obras. Assim, apresentava em suas obras modelos de comportamentos que deviam ser seguidos em sua época com confrontos entre os fracos e fortes, ricos e

pobres, estando ligados ao cotidiano. De acordo com Pita (2014, P. 19):

Embora entre suas histórias, haja muitas que se desenrolam no mundo fantástico da imaginação, a maioria está presa ao cotidiano. Vivendo em uma época em que a ascensão econômica se fazia através da expansão industrial e da nova classe, a dos operários, que então se formava, Andersen teve bem a oportunidade de conhecer os contrastes da abundância organizada, ao lado da miséria sem horizontes. Ele mesmo pertenceu a essa faixa social, a da pobreza organizada em sistema. (PITA, 2014, p. 19).

Outras obras que se destacaram e até hoje são conhecidas como Alice no país das maravilhas, Lewis Corroll, Pinóquio, Collodi, Peter Pan, James Barrie, em que as crianças ou seres que as imitam tornam-se protagonistas das histórias.
No Brasil, a literatura infantil surgiu entre o final do século XIX e início do século XX, quase três séculos depois de seu surgimento na Europa:

Se a literatura infantil européia teve seu início às vésperas do século XVIII, quando, em 1627, Charles Perrault publicou os célebres Contos da Mamãe Gansa, a literatura infantil brasileira só veio surgir muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do século XIX reponte, registrada aqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2015, p. 23).

Neste período, o Brasil sofreu diversas transformações como o fim do trabalho escravo, desenvolvimento do capitalismo e da industrialização, a comercialização do café, a chegada de imigrantes e a diversificação da população urbana:

O país passava por inúmeras transformações. Entre elas, a mais visível foi a mudança da forma de governo: um velho imperador de barbas brancas cedeu o comando da Nação a um marechal igualmente velho, de iguais barbas brancas igualmente brancas. Era a República que chegava, trazendo consigo e legitimando a imagem do Brasil ambicionava agora: a de um país em franca modernização. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2015, p. 23).

O regime monárquico brasileiro se estendeu entre os anos 1822 e 1889. Os militares que participaram da guerra contra o Paraguai, criticavam a monarquia e mostravam o desejo de mudar a forma de governo para República.
A população de classe média da época tinha como objetivo ampliar a participação política e com a extinção do trabalho escravo, os fazendeiros cafeicultores estavam insatisfeitos com o Imperador, pois os escravos eram a mão- de-obra mais barata da época, assim apoiavam uma nova forma de governo.
O Marechal Deodoro da Fonseca retira o imperador do poder, proclama a República e se torna o primeiro presidente do Brasil em 15 de novembro de 1889.
Após a Proclamação da República ocorrem a acelerada urbanização e modificações na sociedade. Os consumidores começaram a adquirir produtos industrializados, para as crianças, os brinquedos e os livros.
Surge a literatura infantil brasileira, com propósito de formar a criança e de lhe ensinar comportamentos desejáveis, tendo, portanto, um caráter pedagógico. Assim, criou-se uma ligação entre o gênero literário e a escola, pois são utilizados como propagadores dos valores patrióticos e normas comportamentais da sociedade da época. Como afirma Zilberman (2003, p. 24):

A máscara cai quando se percebe a intenção moralizante; e o texto se revela um manual de instruções, tomando o lugar da emissão adulta, mas não ocultando o sentido pedagógico.
O problema pode-se agravar quando o livro é introduzido na escola. Porque, nesse caso, as forças se conjugam no projeto de doutrinar os meninos ou então seduzi-los com a imagem que a sociedade quer que assumam – a de seres enfraquecidos e dependentes, cuja alternativa encontra-se na adoção dos valores vigentes, todos solidários ao adulto. (ZILBERMAN, 2003, p. 24).

Nesta fase do país, surgiram inúmeras tentativas de traduções e adaptações das histó-

rias infantis estrangeiras para que o público tivesse acesso aos valiosos recursos literários. No entanto, Monteiro Lobato surge em 1921, com a publicação da obra A menina do narizinho arrebitado com uma literatura infantil inovadora, trazendo para as páginas dos livros o universo da criança, dando voz a este público e fazendo uma verdadeira revolução no país com as suas valiosas histórias. São inúmeras as contribuições e mudanças que as obras de Lobato trouxeram para literatura infantil brasileira, dentre elas, a utilização de uma linguagem mais próxima da oralidade, e assim mais próxima da criança; a representação da própria criança, nas literaturas infantis anteriores, a criança é representada como indivíduo inferior ao adulto, como mero objeto dos desejos, vontades e transmissão das ideologias do adulto. Nas obras de Monteiro Lobato, a criança está em um patamar de igualdade perante o adulto. Como afirma Cunha (1998, p. 24):

Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira Literatura Infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gênero e orientações, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens que percorrem e unificam seu universo ficcional. (CUNHA, 1998, p.24).

Suas obras são fundamentadas em fatos do cotidiano, na utilização do imaginário e de humor. O famoso Sítio do Pica-Pau Amarelo, em que os personagens reais como Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, interagem com personagens irreais como a Emília, a boneca de pano, Visconde, o sabugo de milho.
Outras obras foram publicadas por Monteiro Lobato como: O Marquês de Rabicó – O Noivado da Narizinho – O Saci – O Pó de Pirlimpimpim – Fábulas – As Reinações de Narizinho – Emília no País da Gramática – O Poço de Visconde – O Pica-Pau Amarelo – Geografia de Dona Benta – Memórias de Emília.
Após Lobato, a literatura infantil brasileira ganha força. Diversos autores contribuem com suas obras focadas no interesse do desenvolvimento intelectual e na diversão das crianças, como Ziraldo com O menino Maluquinho, Chico Buarque com Chapeuzinho Amarelo, Ruth Rocha com Marcelo Marmelo Martelo, entre outros.

Dessa forma, após compreender o contexto histórico da literatura para o público infantil, o próximo item abordará a importância destes materiais para o desenvolvimento da criança, sobretudo, na fase da Educação Infantil, para posteriormente apresentar estratégias que favorecem o desempenho do professor frente à contação de histórias.

OS CONTOS INFANTIS

Dentre os instrumentos utilizados para o desenvolvimento da criança, destacasse a literatura infantil, uma vez que os contos infantis auxiliam na construção de conhecimento de maneira lúdica, através da forma de sentir e ver o mundo, trabalhando questões sociais, emocionais e intelectuais. Neste contexto, Abramovich (1997), enfatiza a infância como momento propício para a aquisição dos saberes, visto que todas as áreas do cérebro estão abertas e receptivas para tal, no entanto, a linguagem tem que ser coerente para melhor aproveitamento, por isto os contos de fadas são tão importantes na infância.

Através da ludicidade, ela ajuda os pequenos a entenderem as dificuldades do cotidiano, desenvolve a atenção, a concentração, a criatividade, aumenta o poder de imaginar e oferece condições para o desenvolvimento da leitura e escrita. Logo, colaborando para a formação de futuros leitores e cidadãos críticos com uma visão global da sociedade (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

De acordo com a Abramovich (1997) é ouvindo histórias que a criança pode também sentir emoções importantes, tais como tristeza, raiva, irritação, medo, bem- estar, alegria, tranquilidade, entre outras. Além disso, através da literatura e suas histórias se podem descobrir outros lugares, outros tempos. Enfim, para ajudar uma criança a abstrair é necessário estar sensibilizado pelas complexidades da infância e da leitura que significa também se fundamentar teoricamente sobre o desenvolvimento da mente em relação ao aprendizado. Professores e crianças, nesse sentido, podem ser verdadeiros parceiros, para compreender o que é o ato de ler.
Diante disso, pode-se dizer que é possível

construir conhecimento com a literatura infantil, desde que o professor utilize procedimentos que estimulem o imaginário reafirmando-se o fascínio por contos que propiciem as crianças à capacidade de narrar por si sós as histórias, facilitando-lhes o discernimento do real e imaginário (CODO, 1999).
Para qualquer criança o primeiro contato com este universo é feito oralmente através de um membro de sua família. (ABRAMOVICH, 1997). Através dos contos de fadas a criança ouvindo histórias pode sentir também emoções como tristeza, raiva, irritação, tranquilidade, e tantas outras mais, e viver significantemente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve por meio do imaginário.

Desta maneira a Literatura Infantil, por iniciar a criança no mundo literário deve ser utilizada como instrumento fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro cidadão, com todos os seus dilemas ao longo da infância e adolescência para o seu amadurecimento emocional. (ABRAMOVICH, 1997, p. 12).

A literatura é uma forma polissêmica de comunicação e de troca de experiências, que participa de todos os níveis de cultura, caracterizando-se por apresentar textos com coerência interna e pelo uso utilitário da linguagem (ABRAMOVICH, 1997).
Dentre as características da literatura com os contos infantis, destaca-se o estímulo a curiosidade do leitor de buscar respostas as suas dúvidas, em meio a tantos questionamentos. Neste momento o imaginário é suscitado e novas ideias são encontradas para solucionar questões. Neste sentido, Abramovich (1991, p. 17) afirma: "É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos".
Coelho (1999), por sua vez, corrobora mostrando sua importância na construção da linguagem, ideias, valores e sentimentos de uma criança, servindo como afetiva iniciação do momento prazeroso que, consequentemente, ajudarão na sua formação enquanto leitor.
Dessa forma, a Literatura Infantil desperta na criança a criatividade, onde buscam os sonhos, a fantasia e a reflexão, principais elementos que contribuem para a formação de crianças espontâneas, autênticas e livres. Sabendo da sua importância, utiliza-se deste recurso como um caminho que poderá conduzir a criança de forma eficaz ao mundo da escrita, fazendo com que desenvolva de forma significativa as competências para comunicar-se (CODO, 1999).
A leitura para a criança é desprovida das regras e disciplinas exigidas pelo adulto e pela escola. A criança é ativa, alegre, caracterizando um ser totalmente livre, no entanto, ao entrar na escola, tudo isso tende a ser retirado brutalmente. Ela é obrigada a passar hora sentada, não podendo ler o que deseja e sim o que o adulto acha necessário (FRIEDMANN, 2004).
Por isso, sente-se a necessidade de um comprometimento por parte da escola, da família e da sociedade em geral com relação a literatura infantil, visto que a criança precisa vivenciar e desfrutar de sua infância e sua individualidade.
No entanto, é válido ressaltar que comumente a classe popular não tem poder aquisitivo para formar o hábito de ler e na classe média as crianças estão mais familiarizadas com a televisão, jogos eletrônicos e o computador. O livro voltou a uma posição cada vez mais inferior no nível de interesse das crianças e adolescentes (ABRAMOVICH, 1997).
A literatura implica prazer e alegria no espaço escolar, por isso os professores devem estar atentos e usar esses momentos como construção de conhecimentos, conforme cita Assmann (1998):

É preciso substituir a pedagogia das certezas e dos saberes pré-fixados por uma pedagogia da pergunta, do melhoramento das perguntas e do acesso de informações. Em suma, por uma pedagogia da complexidade que saiba trabalhar com conceitos transversais, abertos para a surpresa e o imprevisto (ASSMANN, 1998, p.33)

Assmann (1998) também afirma que os contos de fadas estão intimamente relacionados ao desenvolvimento da criança, pois através da leitura ela constrói conhecimentos através dos papéis que imagina

e representa. Dessa forma, brinca, deseja e imagina, e neste espaço imaginário, ela elabora seus conflitos, sentimentos, medos e desejos. Sendo assim, percebe importantes informações para a sua vida, representando assim a sociedade em que está inserida.
O espaço educativo precisa rever suas ações, valorizando a individualidade de cada criança, introduzindo atividades através da leitura infantil, possibilitando condições para que ocorra o processo ensino-aprendizagem (ABRAMOVICH, 1997).
A psicologia ensina que tudo que acontece em nosso redor, desde a nossa primeira infância, fica registrado em nosso inconsciente. Sendo assim, tudo aquilo que visualizamos, ouvimos e sentimos interfere em nosso desenvolvimento (CODO, 1999).
Portanto, cabe aos educandos construírem uma nova concepção de literatura, utilizando-a não apenas como um meio para ensinar um conteúdo, mas também proporcionando à criança a possibilidade de fluir por meio da história através da ludicidade, suscitando o imaginário, com uma visão mais ampla de tudo que a cerca, que por consequência a torna mais reflexiva, crítica e capaz de organizar seu pensamento frente à realidade social em que vive e sobre a qual atua.
Entende-se a escola como um espaço social essencial para o aprendizado das crianças e também momentos prazerosos para o desenvolvimento integral das mesmas (CODO, 1999).
Sendo esse tempo dedicado a produzir vivências do prazer, de estar aprendendo, a criança tem a necessidade literatura infantil, pois é nesse momento que ela é espontânea em suas atividades e deve ser contemplada com uma linguagem coerente, sendo esta, a lúdica.
Em especial, a criança da educação infantil está inserida num contexto onde é de suma importância o aprender, trazendo vantagens sociais, cognitivas e afetivas e possibilitando, por meio da imaginação e da imitação, que a criança expresse seus desejos e melhor interação com o outro (FRIEDMANN, 2004).
Cabe então o professor (a) organizar ações motivadora despertando a curiosidade da criança em situações em que ele apenas é o orientador, intervindo para mostrar novas situações, respeitando a maneira de se expressar e de agir de cada criança, deixando-as criar novos conceitos.
Durante a literatura infantil, a criança tem oportunidade de aprender com os outros tendo, assim, mais informações e opiniões para juntar as suas e também subsídios para compreender o mundo. Com essa troca de conhecimentos, vai se tornando um ser humano mais equilibrado e desenvolvendo sua autoestima e seu autoconhecimento (COELHO, 1999).

O primeiro passo para a leitura é a audição de livros, sendo que a audição da leitura feita por outros tem uma tripla função: cognitiva, linguística e afetiva. No nível cognitivo geral, abre uma janela para os conhecimentos que a conversação sobre outras atividades cotidianas não conseguem comunicar. Permite estabelecer associações esclarecedoras entre a experiência dos outros e a sua própria (FRIEDMANN, 2004, p. 170).

Ao cumprir seu papel, a escola precisa lembrar que a infância deve ser tratada e reconhecida com respeito e carinho e também como uma fase em que a criança sente alegria e prazer nas atividades da literatura infantil e que estas devem sempre caminhar juntas com o propósito de desenvolver a aprendizagem e aperfeiçoar as relações interpessoais (FRIEDMANN, 2004).
Dada a sua importância a literatura infantil tornou-se objeto de estudo de psicólogos, educadores e pesquisadores que o veem como uma prática educativa que auxilia no desenvolvimento infantil em todos os seus aspectos e na construção do conhecimento.
Ao usar a experiência da literatura lúdica por intermédio dos contos de fadas, as crianças constroem novas experiências com seus colegas, exploram regras e fazem ressurgir responsabilidades e valores, mostrando segurança e respeito para consigo e com os outros (FRIEDMANN, 2004).
Sendo assim é necessária a atividade de literatura infantil realizada em grupo, pois é de suma importância a socialização para o desenvolvimento e cumplicidade coletiva. O crescimento da criança acontece quando há uma socialização de forma crítica e construtiva, ligada ao saber que ele traz.
Ao pensar em atividades lúdicas para a

criança, destaca-se a literatura infantil, uma vez que é importante que se leve em conta sua realidade e valorize seus conhecimentos, buscando a sua participação ativa por meio de um contexto de troca entre as próprias crianças e o professor (a) (FRIEDMANN, 2004).
Outro aspecto a ser considerado pelo professor (a), ao introduzir as atividades lúdicas no contexto educacional, se refere aos objetivos que para ele, devem estar bem claros. Além disso, deve tentar investigar os aspectos que fazem parte do meio em que a criança está inserida e entendê-la como sujeito atuante no seu processo de construção do conhecimento (FRIEDMANN, 2004).

O TRABALHO DO PROFESSOR FRENTE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A literatura infantil em sala de aula por meio da contação de histórias, possibilita ao educador alcançar os objetivos da ação pedagógica. Sendo bem articulada e trabalhada, proporciona ao educando a compreensão do mundo à sua volta e o grande prazer em ler e ouvir essas histórias e a possibilidade do hábito da leitura que, por consequência, gerará criticidade, capacidade analítica, compreensão da palavra e articulação dos conhecimentos, favorecendo o processo alfabetizador.
Como apresenta Coelho (2000), a escola é o espaço privilegiado para formação do indivíduo e deve ser privilegiado o estudo literário, porque, de acordo com o referido autor:

> Eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura de mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição sine qua non para a plena realidade do ser. (COELHO, 2000, p. 16).

Entretanto, muitos professores ainda hoje, trabalham com a literatura infantil para veiculação de regras gramaticais, normas de bom comportamento ou apenas como passa tempo sem uma intencionalidade para o trabalho pedagógico, eliminando da obra toda sua arte literária, seu encantamento, magia, fantasia, tirando o prazer do livro e as contribuições de um trabalho excelente para o processo de ensinoaprendizagem.
É fundamental que o professor ao contar histórias às crianças esteja familiarizado com as frases do texto, com a forma de pronunciar o nome de determinado personagem. Desta forma, o professor deve ler o livro antes de contá-lo aos alunos, verificar a forma de emocionar e atrair a atenção. É importante que haja sonoridade na leitura, preocupação do professor com o ritmo da leitura, a forma correta de pronunciar as palavras da história como os nomes dos personagens.
O contador de histórias deve transmitir confiança, prender a atenção do ouvinte, demonstrar que sabe o conteúdo da história de memória, criar intervalos, saber dar as pausas, dar tempo para que a criança consiga refletir sobre a história.
Pode-se contar qualquer tipo de história para os alunos e podem ser longas, curtas, românticas, realistas, antigas, novas. Como afirma Abramovich (2003):

> Claro que se pode contar qualquer história à criança: comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa, qualquer uma, desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem pra alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição. O critério de seleção é do narrador. (ABRAMOVICH, 2003, p.20).

O professor também pode trabalhar com poesias em sala de aula, seja lendo em voz alta aos alunos, dando a oportunidade das crianças de escreverem e lerem poesias, criarem novas poesias, álbuns, cadernos, agendas com poesias que os agradem. Como nos apresenta Abramovich (2003, p. 94):

> São tantos os elementos para se trabalhar poesia com as crianças, em sala de aula... O ler em voz alta um poema amado com a emoção que ele despertou... O encontrar poesias que mexeram com o sensorial de cada um (visão, olfato, paladar...) [...] ter um caderno,

um álbum, uma agenda, onde anotar poemas inteiros ou versos que pareceram particularmente belos e sábios ou perspicazes ou esclarecedores ou incríveis.

É fundamental que o professor selecione com intencionalidade as poesias a serem trabalhadas em sala de aula, que se preocupe em verificar se o autor utiliza um tema contemporâneo, mas de modo antigo ou sem esclarecer o assunto. É importante que a poesia seja trabalhada com sentimento, verdade e clareza.

A poesia para crianças, assim como a prosa, tem que ser antes de tudo, muito boa! De primeiríssima qualidade!!! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa... Prazerosa, triste, sofrente, se for a intenção do autor... Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante, se for a intenção do autor... (ABRAMOVICH, 2003, p. 67).

A literatura infantil serve também para informar, pois apresenta diversos assuntos do cotidiano das crianças, trata sobre nascimento, crescimento, morte, sexualidade, aflições, conflitos. Apresenta às crianças questões importantes da vida, de forma suave, poética.
Uma das contribuições mais importantes da literatura infantil na escola é o gosto e hábito pela leitura. O trabalho com a leitura em sala de aula não pode estar embasado na noção dever, obrigatoriedade, de tarefa a ser cumprida em um determinado período com a entrega de um resumo sobre a história ou a realização de uma prova para avaliarem seu entendimento. A avaliação dos resultados dos "efeitos da literatura sobre a formação pessoal, pensamento e a experiência do estético podem ser percebidos apenas a longo prazo" (COSTA, 2007, p. 51). A autora vai além em suas próprias colocações dizendo:

Efeitos imediatos, quando existem, refletem-se melhor no modo como os alunos transferem a aprendizagem para outras linguagens – com a ilustração, a reformulação do texto, a transposição para formas dramatizadas, a criação de espaços expressivos (jornal, divulgação oral, publicidade, mural) – e até na constância de leitura de outros textos sobre o mesmo assunto ou do mesmo autor. O professor terá que ser ele mesmo criativo para encontrar formas de avaliar o aproveitamento de seus alunos de maneira pouco usual, mas que esteja de acordo com as funções da literatura: a de pensar, a de experimentar a beleza da linguagem, a de contribuir para a percepção do mundo, a de ultrapassar a moral e a informação de fatos para viver a formação pessoal e intelectual (COSTA, 2007, p. 53).

É importante que os alunos escolham os livros que querem ler, que possam folhear, buscar, achar, descobrir rever, escolher, até encontrar o que mais agradou, o que despertou sua curiosidade para leitura, desta forma, a leitura se torna prazerosa, gostosa, cheia de encantamento e descoberta.
A partir da leitura de um livro, o professor pode trabalhar sobre a história como um todo, com os acontecimentos as histórias, ações e atitudes dos personagens, discutir sobre o começo, meio e o fim da história, sobre os personagens, sobre o livro como um objeto, perceberem a capa, as páginas, as figuras, o tamanho e fonte das letras, o formato do livro e também trabalhar com as emoções, sensações, sentimentos que a história provocou.
O livro infantil é prazeroso, atraente, divertido, faz parte do universo da criança, assim a aprendizagem se torna significativa e interessante. O hábito e gosto pela leitura é algo que pode se desenvolver no aluno por meio do prazer da atividade, quando for adaptada as suas características, interesses, a aprendizagem mecânica da escrita e leitura não atrai o aluno para executá-las, é necessário organizar os conteúdos com instrumentos do universo da criança, como os livros e textos infantis.
Costa (2007, p. 52-53), expõem alguns critérios destinados aos professores em relação ao trabalho com a literatura infantil em sala de aula. São eles:
Conhecimento a respeito dos interesses dos

alunos (sem que eles venham a tornar-se os únicos critérios de seleção);
Conhecimento de produção literária clássica e canônica para crianças; Conhecimento de lançamentos recentes por intermédio de visita a livrarias, leitura de catálogos impressos ou eletrônicos, sites na internet;
Atendimento à filosofia e aos princípios da educação contemporânea (ênfase no aprender a aprender e no aprender a ser);
Atendimento às qualidades estéticas da literatura, sem preconceitos nem moralismos; preferências por textos inovadores e emancipatórios.
A avaliação dos resultados obtidos pelo trabalho com a literatura infantil não é uma tarefa simples para o professor, mas deve seguir os critérios da arte literária e da formação do aluno. Dessa forma, percebe-se que se torna um ato processual, considerando que as aquisições com a leitura fazem parte de uma construção diária, onde o professor deve aproveitar todos os momentos da aula para observar, refletir e potencializar a aprendizagem dos seus alunos.

CONCLUSÃO

Neste estudo, foi possível perceber que o trabalho com a literatura infantil por meio da contação de histórias apresenta-se como uma maneira efetiva de mediar o processo de ensino aprendizagem, já que estimula diversas experiências e faz com que a criança aprenda a lidar com os mais diversos tipos de sentimentos, preparando-a para a vida adulta e o pleno exercício de cidadania.
Neste contexto, representa uma ferramenta acessível para o professor, por não exigir um alto investimento, como por exemplo, nas ferramentas que dependem de recursos tecnológicos. Para isso, é preciso enfatizar a formação profissional, para que o professor tenha uma nova compreensão do lúdico, bem como do processo educativo, deixando de assumir papel centralizador, e partindo para uma proposta construtivista e mediadora, onde a criança torna-se ativa e autora de sua própria aprendizagem, e o professor faz mediação entre o aluno e o objeto de estudo, direcionando-o para o alcance dos objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
ASSMANN, D.B. Psicologia do Conto. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
COELHO, N. N. Teoria - análise e didática da Educação Infantil. 7 ed. São Paulo: Moderna,1999.
COELHO, N.N. Literatura infantil. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.
CODO, H. A criança em desenvolvimento. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
COSTA, M.M. Metodologia do ensino da literatura infantil. Curitiba: IBPEX, 2007.
CUNHA, M.A.A. Literatura infantil: Teoria & Prática. São Paulo: Ática, 1998.
FRIEDMANN, A. A arte de brincar. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. Literatura infantil brasileira: Histórias & Histórias. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 2015.
PITA, A. A criança em desenvolvimento. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.
ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.